

REFLEXÃO SOBRE A LEITURA “CAPACITAÇÃO PARA COMITÊS DE ÉTICA EM PESQUISA – valores, moral, eticidade, ética e bioética”, por Profa. Dra. Luciana Carmona Garcia Manzano.

A pessoa não nasce ética; sua estruturação ética vai correndo juntamente com o seu desenvolvimento. A humanização traz a ética.

Eticidade: capacidade de percepção dos conflitos entre o que o coração diz e o que a cabeça pensa, podendo-se percorrer o caminho entre a emoção e a razão.

O mesmo ocorre com os conceitos de valores, de moral e de ética, são construídos a partir da experiência de vida.

O conceito capitalista de que tempo é dinheiro reduz a vida a um valor, (quanto custa uma vida) – interesse para a medicina securitária, sem enfoque ético.

No mito de Robin Hood, observamos um modelo de coerência ética, mas não de moral; roubava dos ricos para dar aos pobres.

O voto de pobreza e abnegação de um monge franciscano traz um conceito questionável de ética, pois se renuncia à autonomia.

Para Rokeach, valor é uma crença em um modelo específico de conduta ou estado de existência, pessoal ou socialmente adotado, embasado em uma conduta preexistente.

A moralidade é um sistema de valores do qual resultam normas que são consideradas corretas por uma determinada sociedade (Dez mandamentos, Código Civil). Necessária imposição de uma autoridade (Deus, juiz, superego) e, em caso de desobediência, ela tem o direito de castigar o infrator. (Repressão de desejos). A moral pressupõe três características: 1) seus valores não são questionados; 2) eles são impostos; 3) a desobediência às regras pressupõe um castigo.

Ciência é muitas vezes usada para justificar um posicionamento moralista, “racionalizando-se uma crença” (início da vida para a religião).

Para os autores, a ética se fundamenta em três requisitos:

1) percepção dos conflitos (consciência); 2) autonomia (condição de posicionar-se entre a emoção e a razão, sendo que essa escolha de posição é ativa e autônoma); e 3) coerência.

ÉTICA SOCIAL, sobrepõe-se à MORAL: é o resultado da interação dos subjetivismos individuais, buscando um ajuste com a realidade necessária, que é o convívio social.

Se a eticidade é inicialmente uma condição individual, embora ajustando-se e interagindo com a realidade social, a ÉTICA PROFISSIONAL, é um resultado da integração de todos os fatores.

A moral é imposta, a ética é sentida e percebida.

Um indivíduo pode ser considerado ético quando possui uma personalidade bem integrada, ou seja, quando tem uma maturidade emocional que lhe permite lidar com as emoções conflitantes, uma força de caráter, um equilíbrio de vida interior e um bom grau de adaptação à realidade do mundo.

A simples criação de códigos não torna as instituições éticas, pois esses códigos mostram os valores que a cultura de uma determinada sociedade considera necessários para que seu membro possa interagir e trabalhar. A punição normalmente prevista para os infratores desses códigos não necessariamente modificará o indivíduo e o transformará em um ser ético: provavelmente ele não voltará a infringir o código por temor, não pela experiência de um aprendizado ético.

Para ser ético, não basta ter-se o conhecimento do código de ética, pois a pessoa poderá atuar apenas de um modo moralista; são necessários a assimilação e o amadurecimento de certos conceitos do que é ser um "ser humano", para que a pessoa evolua e se humanize.

O princípio fundamental da ética deve passar basicamente pelo RESPEITO AO SER HUMANO, como sujeito atuante e autônomo.

Nas sociedades democráticas, os códigos de ética representam a consolidação dos princípios éticos assumidos por uma sociedade. Como os princípios são mutáveis historicamente, os códigos são habitualmente retrógrados com relação ao *pensar ético*, pois eles se referem a experiências passadas. Assim, recomenda-se sua análise crítica e revisão periódica em face da necessidade de se "olhar" para o presente.

A BIOÉTICA: SUA NATUREZA E HISTÓRIA

Bioética nasceu nos Estados Unidos entre 1960/1970, quando uma série de fatores histórico-culturais chamou a atenção para a ética aplicada. Há um novo interesse geral para com a aplicação das "teorias éticas" a âmbitos específicos da vida social.

Nos Estados Unidos é sobretudo o debate sobre o aborto que polariza o interesse para o novo tipo de reflexão. Enquanto em outros países, como a Itália, a questão do aborto tem sido encarada principalmente como uma questão "política" e "jurídica", nos Estados Unidos a tendência em colocar os problemas sociais em termos de "direitos" tem levantado uma ampla reflexão moral.

Criou-se assim um amplo movimento cultural assentado nas exigências concretas da prática clínica e a nova reflexão sobre tais problemas assumiu o nome de "bioética". Durante os anos 1970 o movimento desenvolveu-se com uma rapidez surpreendente nos

Estados Unidos; durante os anos 1980, alastrou-se a muitos países europeus, tornando-se nos anos 1990, um fenômeno mundial e planetário, como mostram a criação e a vitalidade da International Association of Bioethics.

Atrás do termo "bioética", abrigam-se posições morais opostas e inconciliáveis que é preciso esclarecer, até porque o termo tem-se tornado um pouco o símbolo e a bandeira de um significativo movimento cultural. Por isso, análise terminológica é esclarecimento que possui também consequências práticas não indiferentes.

O termo "bioética" é um neologismo do oncologista Van Renssler Potter, em 1970. Para o autor, essa ciência baseia-se na biologia, que, atualmente, estende o seu horizonte para além do seu âmbito descritivo tradicional, vindo a incluir no próprio campo de indagação também normas e valores. Dessa forma, a bioética constitui uma nova e geral "visão científica" do mundo que, ao fixar principalmente a atenção sobre os problemas do desenvolvimento e da população, toma em conta os problemas emergentes no campo sanitário.

Hoje, por "bioética", entende-se algo diferente.

A mudança de significado tem acontecido sobretudo porque, ainda em 1971, fundou-se o Kennedy Institute for Study of Human Reproduction and Bioethics, na Georgetown University de Washington (D.C.), e porque os cientistas do Kennedy Institute têm usado o termo. Para eles, a bioética é a ética aplicada a um novo campo de estudo, o campo médico e biológico.

"Bioética" vem sendo utilizada para indicar a reflexão sobre os problemas morais que se colocam em âmbito médico-biológico. Tem servido como catalisador para coordenar inúmeras reflexões que até então estavam dispersas, conseguindo identificar um ponto de vista que lhe desse uma nova dignidade intelectual. Como escreveu T. Engelhardt, *"as ideias têm vida própria e um poder próprio. Uma ideia pode forjar ou remodelar as formas em que compreendemos e experimentamos a realidade. Quando encontramos uma ideia fecunda dizemos: 'Ah! É isso!', e vemos o mundo de tal maneira que não podemos mais imaginá-lo diferente... O mesmo acontece às vezes com as palavras novas. Uma nova palavra permite-nos dar um nome a elementos da realidade de tal forma que podemos ter um novo tipo de controle sobre o ambiente cultural... Isso aconteceu com 'bioética'.*

A obsolescência da sacralidade da vida (Princípio da Sacralidade da Vida Humana - PSV) permite a emergência de valores que antes estavam subordinados e que agora, pelo contrário, assumem uma posição prioritária, como por exemplo, o princípio do respeito da *autonomia* do paciente. A bioética nasce não para colocar "limites éticos" à

ciência, mas porque – vindo a falhar o Psv – cria-se a exigência de individualizar novas hierarquias de deveres, ou seja, reajustar uma nova “tábua de valores” e estabelecer qual é o papel da autonomia com relação aos outros princípios (justiça, benevolência, etc.). É ainda porque se dissolveu o princípio absoluto que se fala hoje em *pluralismo ético*: se falta uma norma absoluta independente da vontade humana, as possíveis hierarquias de valores se ampliam, criando o problema de como conseguir conciliar os diversos valores numa sociedade pacífica.

Inicialmente, a bioética nasce como reflexão limitada a análise de alguns problemas específicos tais como a contracepção, o aborto, a suspensão das terapias e a eutanásia, etc. Com o passar dos anos, as instituições consolidadas no caso de um problema específico são estendidas também a outros ângulos, tanto que nos últimos anos o debate se tem tornado mais sistemático, vindo a envolver temas mais amplos e gerais que implicam todo o âmbito médico. É a esse ponto que emergem algumas das dificuldades mais peculiares da nova reflexão, pois percebe-se que o abandono do Psv requer um salto de perspectiva, obrigando-nos a redescrever as situações e a rever a realidade de maneira diferente da visão tradicional. Mas essa mudança de perspectiva não é sempre fácil, seja porque, obviamente, existem alguns que continuam a sustentar a perspectiva tradicional, seja devido aos fortes sentimentos associados a essa perspectiva, assim é sempre difícil ver claramente as conseqüências que derivam da mudança ocorrida.

Para além dessas dificuldades, parece que se deve reconhecer que a medicina está numa virada radical na sua história e que o abandono do Psv implica repensar radicalmente os próprios objetivos da medicina. De fato, alguns autores observam que no passado se tinha uma “medicina dos sintomas”, tendente a remediar as condições patológicas, ao passo que hoje começa a aparecer no horizonte a “medicina estética, a paliativa, etc., não têm como objetivo a “terapia” de patologias, mas a satisfação dos desejos das pessoas envolvidas.

Se a ética médica dos anos 1950 é a aplicação da ética tradicional (com deveres absolutos) ao âmbito médico, a bioética é a aplicação da “nova ética” (sem deveres absolutos) a esse âmbito.

De fato, com o crescimento do conhecimento e das capacidades de intervenção, o “deixar morrer” (não fazer nada) torna-se cada vez mais frequentemente uma outra forma do “matar”, e o abandono dessa distinção tem conseqüências de grande alcance para a inteira prática médica. Essa mudança é relevante não só para o do médico individualmente, mas também no nível social, pois se em outra época, o homem ficava sozinho diante da doença e, portanto, não se colocavam problemas de “justiça”, hoje a

medicina tornou-se um empreendimento cooperativo e, portanto, cada vez mais colocam-se questões relativas à alocação dos recursos médicos, no momento em que a escolha de investir recursos numa direção equivale a beneficiar uma classe de indivíduos em detrimento de outras.

Do ponto de vista histórico e sociológico, o uso do termo mais difuso é aquele que vê a bioética como uma "nova ética" (sem absolutos), aplicada a um campo de investigação específico.

Franca, 15 de junho de 2018.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Franca.

Reflexão da leitura dos textos 1 e 2 do livro "Capacitação para Comitês de Ética em Pesquisa" realizada pelos membros do CEPE/UNIFRAN na reunião ordinária do mês de abril de 2018. A reflexão foi redigida pela Profa. Dra. Luciana Carmona Garcia Manzano, docente da graduação e pós-graduação da Universidade de Franca e membro do CEPE/UNIFRAN.